

Resenha

BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.). **Jornalismo e convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 280 p.

Aproximações, dúvidas e reflexões sobre as relações entre jornalismo e convergência



GUILHERME HENRIQUE VICENTE¹

Recebido em: 30/09/2015. Aceito em: 07/12/2015.

Convergência ainda é a palavra 'da moda' para quem estuda, trabalha ou se interessa pela evolução e consumo de mídias e tecnologia neste início de século. Desde que Henry Jenkins (2007) popularizou o termo através do seu já clássico livro *Cultura da convergência*, inúmeros artigos, pesquisas e estudos tentam dimensionar o impacto e as influências da convergência na mídia, tanto as de entretenimento, quanto de publicidade e também do jornalismo, que não passaria inerte diante de um momento de imensas revoluções tecnológicas que atingem praticamente todos os campos da atividade humana. Com o objetivo de apontar caminhos, traçar tendências e discutir possíveis soluções em um momento delicado do modelo vigente de produção jornalística, surge o livro *Jornalismo e convergência*, publicado em 2014 pelo selo Cultura Acadêmica e organizado pelos professores Juliano Maurício de Carvalho (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) e Marcelo Engel Bronosky (Universidade Estadual de Ponta Grossa), com textos de autoria de mais 17 docentes e alunos do nível de mestrado de ambas as instituições de ensino.

A principal virtude da coletânea é oferecer ao mesmo tempo, e de maneira bastante competente, bases teóricas para as relações entre jornalismo e convergência aliadas a exemplos práticos de convergência no jornalismo brasileiro nesses últimos anos. Além disso, a obra tem o mérito de se focar exclusivamente no jornalismo, enquanto os estudos sobre convergência

¹ Mestrando em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Unesp. Membro do Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã (LECOTEC) da Unesp. E-mail: henriqueguilherme4@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3622120472378517>.

Resenha BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.).

Jornalismo e convergência. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 280 p.

mediática se voltam quase sempre para mídias de entretenimento e com maior apelo comercial, como o cinema e os videogames. Em um momento de transição do modelo industrial vigente por boa parte do século XX na indústria jornalística para um modelo dito pós-industrial, convergente e desterritorializado, *Jornalismo e convergência* funciona de maneira eficaz, como uma pausa para reflexão aprofundada no meio da confusão de vozes e ideias que tentam apontar uma direção ou prever o futuro do jornalismo, prática tão essencial para a plenitude do Estado democrático, independente da forma ou do meio.

Para apresentar o conteúdo de modo mais organizado e facilitar a compreensão, o livro é estruturado em duas partes que se complementam e dão unidade a obra, em seus 12 capítulos. A primeira parte é denominada 'Transformações do jornalismo no cenário da convergência' e tem caráter mais analítico, buscando apontar quais as influências da convergência midiática no jornalismo, tanto como modelo de negócio, quanto como estrutura narrativa e simbólica na esfera pública. Já a segunda parte é chamada 'Situações de convergência no jornalismo brasileiro' e, sem perder o rigor científico e teórico, busca apontar as implicações práticas na sociedade e no jornalismo das mudanças apontadas na primeira parte do livro.

Abrindo a primeira parte, Francisco Rolfsen Belda discute em 'Desafios comerciais no ciberjornalismo: exame de modelos baseados em comércio eletrônico', modelo viáveis de monetização do conteúdo jornalístico em plataformas digitais. A partir da análise dos sites do jornal espanhol *El País* e do jornal brasileiro *Folha de S.Paulo*, Belda reflete sobre como serviços com valor agregado baseado em práticas comuns ao comércio eletrônico podem aumentar os lucros das empresas jornalísticas no momento em que a publicidade digital tradicional se mostra monopolizada pelas grandes empresas de tecnologia. O autor, no entanto, aponta os dilemas que tais práticas podem trazer:

[...] nossa percepção é de que a vinculação dessas modalidades a gêneros de conteúdo estritamente jornalísticos leva ao surgimento de produtos cibermediáticos de viés publicitário-editoriais com características parajornalísticas ditadas de menor autonomia e isenção editorial em relação aos conteúdos que veiculam, uma vez que sua

seleção e promoção estão condicionadas a parâmetros extrínsecos aos do jornalismo. (BELDA, 2014, p. 38).

Para evitar que esse dilema sobreponha e submeta o jornalismo a interesses comerciais inconciliáveis, o autor sugere que sejam feitas análises que levem em conta não apenas o potencial econômico desses modelos, mas como também as possíveis consequências de caráter ético e limitação da liberdade editorial.

Em um viés histórico, Antonio Francisco Magnoni refaz o percurso que nos trouxe até essa era digital em 'Dilemas do jornalismo na era das redes digitais e da globalização' e quais incertezas ainda se mostram presentes no contexto de transformações em que vivemos, e como essas transformações atingem em cheio a produção intelectual e criativa do jornalista.

No capítulo seguinte, Juliano Maurício de Carvalho e Angela Grossi de Carvalho buscam pontos de aproximação das novas práticas jornalísticas nesse cenário convergente com as chamadas indústrias criativas e dos arranjos produtivos locais e quais as contribuições possíveis dessa aproximação. 'Do hiperlocal aos insumos criativos: as mutações do jornalismo na contemporaneidade' aponta a importância dos conteúdos voltados para públicos hiperlocais em um ambiente onde as informações circulam cada vez mais rápidas e de maneira dinâmica através de dispositivos móveis e conexões de internet sem fio, oferecendo assim novos espaços e alternativas para o jornalismo.

O jornalismo convergente, hiperlocal, colaborativo e inovador parece ser o caminho para os profissionais que estão em busca de um espaço no mercado de trabalho ou para aqueles que estão tentando de adaptar às mudanças. Nesse sentido, a indústria criativa, pode ser o mote para o caminho esperado. (CARVALHO, Juliano Maurício de; CARVALHO, Angela Maria Grossi de, 2014, p. 83).

Seria ingênuo crer que todas as mudanças ocasionadas pelos novos arranjos tecnológicos não afetariam a maneira como as escolas de Jornalismo formam os futuros profissionais. Esse é o tema do artigo 'Cenário de convergência desafia a formação de jornalistas', de Angelo Sottovia Aranha. Com anos de experiência na docência em Jornalismo e na elaboração de planos

Resenha BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.).

Jornalismo e convergência. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 280 p.

políticos-pedagógicos de cursos de Comunicação, Aranha defende que em meio a proliferação de repórteres amadores (basicamente qualquer pessoa com um telefone celular), os jornalistas profissionais terão que possuir alto grau de embasamento teórico nas diversas áreas das ciências humanas a fim de produzir conteúdo aprofundado e explicativo sobre em contraste com o conteúdo raso e efêmero dos repórteres amadores.

A esfera pública preconizada pelo teórico alemão Jurgen Habermas é tema do capítulo 'A formação da opinião pública em tempos de cultura da convergência', de Sérgio Luiz Gadini e Carlos Willians Jacques Moraes. Em tempos de convergência, a inserção de novas possibilidades de participação social altera os participantes da esfera pública e obriga a mídia tradicional a exercer a representatividade pública diante dos poderes constituídos.

Encerrando a primeira parte do livro, Juarez Tadeu de Paula Xavier assina 'Redações desterritorializadas e as possibilidades de modelagem de narrativas objetivas, concretas e factuais', cujo argumento central é a viabilidade da descentralização das redações de um espaço físico, para ambientes virtuais possíveis graças aos avanços tecnológicos. Essa mudança, além de afetar o modo de produção das notícias, teria influência no modo de construção das narrativas, reaproximando o jornalismo da objetividade que sempre foi buscada pelo jornalismo tradicional. Como exemplo disso, o autor cita as mídias radicais (como a Mídia Ninja) que cobrem os protestos que se sucedem no Brasil desde 2013.

A possibilidade de reunir em um fluxo narrativo contínuo – pontos de vista diversos e as múltiplas versões dos acontecimentos – reaproximou o jornalismo da objetividade preconizada pelos cânones. A narrativa concreta e factual se realizou com a convergência de múltiplas versões e ações. As plataformas convergentes e com múltiplas linguagens trouxeram para a epiderme social as diversas versões sobre os fatos, as várias narrativas, os contraditórios e pontos de vista dos segmentos implicados pelas manifestações. (XAVIER, 2014, p. 147-148).

Abrindo a segunda parte da obra, Cíntia Xavier e Karina Janz Woitowicz, apresentam no artigo 'A inserção das mídias digitais no processo de formação jornalística: perspectivas teórico-práticas de ensino do Jornalismo em tempos de convergência' uma análise de como as novas diretrizes curriculares dos

cursos de Jornalismo no Brasil devem se articular em tempos de convergência tecnológica. Como relato de experiência de jornalismo convergente, as autoras descrevem o processo por trás do *Portal Comunitário*, produto laboratorial do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ao mesmo tempo em que oferece espaço para a experimentação de novas linguagens, o portal foca no desenvolvimento cidadão dos alunos, uma vez que objetiva divulgar as notícias de sindicatos, ONG's, associação de moradores e movimentos sociais.

Dênis Porto Renó e Andressa Kikuti Dancosky são autores de 'Entre a convergência e divergência: o "jornalismo cidadão" do Mídia Ninja', que aponta o coletivo Mídia Ninja como exemplo de jornalismo cidadão em meio ao turbilhão de protestos que tomaram as ruas do Brasil em junho de 2013. Entre a convergência cultura, descrita por Jenkins, e a convergência dos aparelhos tecnológicos, a cobertura via *streaming* e em tempo real das manifestações pelos ativistas do coletivo oferecem uma diversidade discursiva que serviu de contraponto a narrativa hegemônica das mídias tradicionais.

Essa diversidade discursiva é uma característica do jornalismo cidadão, essencialmente onde os meios digitais e a mobilidade estão presentes. Tais possibilidades são concretizadas pelos ninjas, assim como pela sociedade, cada vez mais conectada nesses canais alternativos. São esses cidadãos que ampliam a audiência do Mídia Ninja, pois oferecem uma estrutura de redistribuição de conteúdos característica da sociedade contemporânea, e sem essa estrutura viral dificilmente o grupo conseguiria tal resultado. (RENÓ; DANCOSKY, 2014, p. 190-191).

Seguindo no livro, Eliza Bachega Casadei versa sobre fotojornalismo e os debates sobre a autoria em tempos de convergência em 'Experiências fotojornalísticas em um cenário de convergência midiática: os novos espaços de autoria'. Diante da digitalização e da facilidade de se fotografar propiciada pela convergência, a noção de autoria da fotografia ganhou novos espaços de legitimação, além dos tradicionais já ocupados pelo fotojornalista. Casadei entende o autor não como a ação do sujeito que tira a foto, mas sim como ação discursiva e de autoridade de quem registra a fotografia. Se antes esses espaços de legitimidade da autoria estavam bem delimitados (resumidos em geral a

Resenha BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.).

Jornalismo e convergência. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 280 p.

veículos impressos), com a convergência houve uma ampliação dos mesmos e questionamentos do papel do fotojornalista.

No capítulo 'A convergência de mídia e suas repercussões no processo de produção de um jornal regional', de Paula Melani Rocha e Gisele Barão da Silva descrevem as mudanças ocasionadas pela convergência na confecção de um jornal impresso, e sua versão digital, em uma cidade do interior do estado Paraná. As autoras não se focam na análise do conteúdo e sim na estrutura organizacional e dos métodos aplicados na produção de conteúdo e as dificuldades financeiras encontradas por todos os jornais impressos neste processo de convergência.

Marcelo Engel Bronosky e Luciane Justus dos Santos tratam de um tema muito caro à convergência: a interatividade. Em 'Jornalismo e interatividade: os desafios das novas ambiências', os autores, com base em pesquisa de mídias regionais, analisam a interatividade e de que modo esse diálogo entre consumidor/veículo se dá em meio tradicionais (publicação de cartas em edição impressa) e via e-mail e redes sociais, tentando identificar lacunas e novas possibilidades.

O último capítulo analisa a convergência aplicada a meios de comunicação pública e governamental. Em 'Convergência e multimídia: desafios da Agência Estadual de Notícias do Paraná na plataforma web', Hebe Maria Gonçalves de Oliveira e Marcio Ronaldo Santos Fernandes apontam como uma agência de notícias cujo objetivo é divulgar as ações do estado pode se aproveitar da convergência multimídia e quais os desafios devem ser superados.

São, sem dúvida, tempos difíceis para o jornalismo, que exigirão reflexão e humildade a todos. De profissão fundamental para a democracia a alvo de uma precarização cada vez mais latente, a prática jornalística se encontra perdida na confusão dessa era de transição para um ambiente convergente, altamente informatizado e interativo. Mas como diz Carlos Soria no prefácio de *Jornalismo e convergência*, citando Diaz Nosti: podem mudar as plataformas, as ferramentas, as linguagens, mas não podem mudar as células-mães do jornalismo, seus valores e segredos intactos. 

REFERÊNCIA

BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.). **Jornalismo e convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 280 p.